

JORNAL: Leitura LOCAL: Quamabara

DATA: 10/7/1961 AUTOR: Marc Berkovitz

TÍTULO: Salão de 1961

ASSUNTO: Crítica ao Salão de 1961 - elogio ao Prêmio do Ivan.

artes plásticas

MARC BERKOVITZ

Salão de 1961

Deixarei para o próximo número a análise das obras expostas no Salão Nacional de Arte Moderna de 1961. Mas em vista dos resultados lamentáveis da premiação não posso me esquivar de algumas considerações. Já quando se realizava a eleição para o terceiro membro do júri, via-se claramente que o ambiente estava sendo preparado para premiar aqueles que se empenhavam tanto na campanha eleitoral. Ficou ainda alguma esperança nos outros dois membros do júri, uma esperança que eles se deixariam levar exclusivamente por considerações de ordem estética — mas as esperanças foram vãs. E assim vemos premiados a mediocridade da pior espécie, ou então as obras amadorísticas de pintores de domingo. O que transforma o todo num caso ainda mais sério é que no catálogo, que naturalmente foi impresso antes, já saiu o nome de um dos concorrentes com o prêmio de viagem que ainda estava para ser conferido. Não há necessidade de melhor prova de que tudo já estava arranjado. Assistimos assim ao esbanjamento de dinheiros públicos com a premiação da mais absoluta falta de talento, mas uma falta de talento obviamente bem relacionado nos meios da Escola Nacional de Belas Artes. Assistimos a concessão de isenções de júri — que devia ser um prêmio importante — a elementos provenientes das fileiras de amadores, mas pertencentes a associações que deveriam congrega artistas profissionais.

Dos prêmios concedidos os únicos que o foram realmente por merecimento, são os de Ivan Serpa e Raquel Strosberg, e possivelmente uma ou duas das isenções. Curioso que o júri tenha concedido uma isenção ao gravador Mário Carneiro, apesar do artista já ser isento de júri.

Duas visitas rápidas me permitiram notar a qualidade dos trabalhos de Serpa, dos irmãos Ianelli, de Iberê Camargo, de Frank Schaeffer, de alguns poucos outros. Fizeram sobressair de novo o nível elevado dos desenhistas e gravadores, com o comparecimento de alguns valores novos. Mas deixarei o resto para o próximo número.

DE LAMÔNICA NO PERU

Regressou do Peru o gravador Roberto De Lamônica, que realizou uma exposição individual no Instituto de Arte Contemporânea de Lima e deu um curso de gravura de três semanas na Escola de Belas Artes da mesma cidade. O sucesso, tanto da exposição como do curso, foi total. De acordo com uma carta que recebi da exposição como do curso, foi total. De acordo com uma carta que recebi da diretora do IAC — que é o equivalente do MAM no Rio — a exposição de De Lamônica foi um dos maiores êxitos dos últimos tempos — artístico e de vendas, o que foi comprovado pelas muitas críticas elogiosas que saíram nos jornais de Lima. Quanto ao curso, o diretor da Escola de Belas Ar-

tes pediu que o gravador brasileiro o prolongasse, o que este teve que recusar em vista dos compromissos que já tinha no Rio e em São Paulo. Mais uma vez a gravura brasileira brilha no exterior, através de um de seus mais autorizados representantes.

BASALDUA NA BONINO

Depois da excelente exposição de Djanira, que mais uma vez provou ser um dos maiores e mais autênticos valores da pintura brasileira, a Galeria Bonino continua mantendo o alto nível de suas exposições apresentando o pintor argentino Héctor Basaldúa. Trata-se de um artista pertencente à primeira fileira dos pintores argentinos. Sua pintura é pessoal, séria, independente de "ismos". O sabor "criollo" que alguns dos trabalhos possam ter não chega a interferir com a qualidade intrínseca da obra, não a rebaixa ao nível de uma arte folclórica. Basaldúa é figurativo porque assim o exige o sentido de sua obra, mas é um figurativismo depurado, despojado do não-essencial. Nem sempre Basaldúa é feliz no uso da cor, e os seus melhores trabalhos são quase monocromáticos, percorrendo toda a gama indo dos brancos, através dos cinzas, aos diversos valores do preto. Nesta investida da arte argentina que estamos experimentando este ano, a mostra de Basaldúa foi certamente um dos pontos altos.

NOVA GALERIA

Mais uma galeria foi inaugurada em Copacabana, a GEAD, dirigida pela decoradora Yeda Fontes e pela pintora Dália Antonina. A exposição inaugural, muito concorrida, foi uma mostra de "gouaches" de Antônio Bandeira, artista de reputação firmemente estabelecida. Não serão estes trabalhos que poderão adicionar algo à fama do artista — são bonitos, amáveis, por vezes um pouco doces. Bandeira frequentemente encontra uma certa dificuldade à resistir à tentação do apenas bonito, falta-lhe a solidez da estrutura interior, sobretudo em seus trabalhos grandes. Mas as suas qualidades também são inegáveis, e são estas que lhe deram o nome que tem.

GALERIA SANTA ROSA

Uma doença impediu que eu visitasse a galeria, instalada no teatro do mesmo nome em Ipanema, por ocasião da exposição inaugural. Fui ver a exposição de Quaglia, a primeira que realizava depois de seu regresso da Europa, onde esteve em gozo do prêmio de viagem do Salão Nacional de Arte Moderna. A galeria é sumamente simpática, com grandes possibilidades. Falta melhorar a iluminação, criar um ambiente um pouco mais adequado. Mas a localização é excelente, o público que frequenta o teatro, garante uma visita constante. A